

Regional

REGIÃO SERRANA

Mercearias que resistem ao tempo

Lampiões, ferraduras, balanças e baleiros giratórios fazem parte do cenário de estabelecimentos que têm até 118 anos

Leandro Fidelis
DOMINGOS MARTINS

Elas não têm gôndolas dividindo seções e nem pertencem a grandes redes de supermercados. Na região serrana do Estado, antigas mercearias resistem ao tempo e funcionam no mesmo ritmo de quando foram inauguradas.

Esse tipo de comércio é bastante comum na zona rural e na sede de municípios como Alfredo Chaves, Domingos Martins, Marechal Floriano, Venda Nova do Imigrante e Santa Leopoldina, onde o mais tradicional tem 118 anos.

Além de mantimentos, lampiões, lamparinas, ferraduras e outros objetos que, apesar de parecerem em desuso, ainda são muito procurados pelos moradores.

Outro detalhe que chama a atenção é a preservação do mobiliário onde os comerciantes expõem os

itens de armarinho, exatamente como era feito há décadas. E sobre os balcões, geralmente encontram-se verdadeiras peças de museu, como balanças e baleiros giratórios.

Na localidade de Tirol, a 15 quilômetros da sede de Santa Leopoldina, a Mercearia Endringer preserva as mesmas características da construção original, datada de 1898, às margens da Rota Imperial.

A atual família de proprietários assumiu os negócios em 1989, mas antes, o estabelecimento, localizado ao lado da igreja e do cemitério, pertenceu aos membros das famílias Lube, Nickel e Leppaus, todos imigrantes europeus.

Segundo Fernando Endringer, de 38 anos, que trabalha no local junto com o pai Oscar Endringer, 67, e um sobrinho, facões, foices, machados, serrotes, carruiolas e cereais são os líderes de venda entre os agricultores. “Já os turistas chegam interessados em experimentar uma das 20 marcas de pinga que oferecemos”, salienta.

A cerimonialista Lilian Lavagnoli, 30, de Domingos Martins, conta que a mãe foi dona de um comércio e, por isso, até hoje ela aprecia ver os baleiros de vidro em mercados antigos. “Eu vou nessas mercearias só para comprar doces como antigamente”, diz Lilian.



FERNANDO na Mercearia Endringer, na localidade de Tirol, que preserva as mesmas características da construção original, datada de 1898

Antiga “venda” deu nome à cidade

Popularizada como “terra da polenta” e consagrada como “capital nacional do agroturismo”, o município de Venda Nova do Imigrante ganhou esse nome por causa de uma antiga mercearia que era ponto de referência entre os moradores, antes da chegada dos imigrantes italianos.

Chamada simplesmente de “venda”, essa mercearia foi reformada e acabou ficando conhecida como “venda nova”, dando nome ao local.

Como a cidade foi colonizada por imigrantes, com a emancipação, em 1988, foi adotado o nome de Venda Nova do Imigrante para evitar confusão com outras localidades brasileiras de mesmo nome, a exemplo de Venda Nova, em Belo Horizonte (MG).



VENDA NOVA do Imigrante: história

PONTO TURÍSTICO



FOTOS: LEANDRO FIDELIS

“Carrefour da Roça” em Alfredo Chaves

Conhecida como “Carrefour da Roça”, a Mercearia Maravilha funciona há mais de 40 anos em São Roque de Maravilha, a 25 quilômetros da sede de Alfredo Chaves. O comércio pertence à família Pin, de origem

italiana, e vende de tudo: alimentos, bebidas, doces, material de limpeza, calçados e utensílios domésticos.

De tão conhecido, o estabelecimento virou ponto turístico, pois fica à beira da estrada que é caminho pa-

ra muitas cachoeiras.

“Muitos fregueses continuam a nos procurar por causa do pão, do queijo, da linguiça e do pastel que produzimos”, conta Arci Pin, 74, ao lado da sobrinha Edineia Pin, 42.

Panelas famosas na BR-262

Em São João de Viçosa, distrito de Venda Nova do Imigrante, Honório Pizzol, de 92 anos, há 76 comanda a “Casa Pizzol”, conhecida pelas panelas de alumínio. O comércio fica às margens da BR-262 e é uma referência para os moradores da região.

Fundada em 1940 pelo pai do comerciante, Atilio Pizzol, a loja é pitoresca pelas peculiaridades: prateleiras e balcões de madeira, adquiridos em 1964, além do piso hidráulico e de peças antigas.

As panelas adornam os dois lados da loja junto com peças de tecido de chita com flores multicoloridas. Além das panelas, enxadas e outros itens agrícolas estão à venda no estabelecimento.

E na calçada ou por trás do bal-



HONÓRIO PIZZOL, de 92 anos, comanda a “Casa Pizzol”, conhecida pelas panelas de alumínio

cão, seu Honório está sempre pronto para um bate-papo. “Tenho muitos clientes de Venda Nova e Pedra Azul, e até do Corpo de Bombeiros, que ficam alojados em São João”, conta.

A produtora rural Albertina

Zandonade Carnielli, 62, de Venda Nova, lembra que comprou as famosas panelas da Casa Pizzol para o seu enxoval nas vésperas do casamento. “Comprei até o panelão de fazer polenta com o seu Honório”, contou.

CASOS



Referência para esportistas

Com 75 anos de fundação, a Mercearia Ribet, na localidade de Chapéu, a 7 km do centro de Domingos Martins, é referência para esportistas que frequentam a região nos fins de semana. Tereza Ribet Klippel, 61, e a filha Sirlene, 37, comandam o comércio.



Dom para atuar em balcão

Em Marechal Floriano, o comerciante Altevir Vassem, 79, se orgulha de trabalhar no mesmo ofício há 63 anos. “Novinho, eu já tinha dom para trabalhar em balcão”, conta. Ele foi empregado do pai no mesmo comércio, que herdou há 49 anos.